

ALIANÇAS PARADOXAIS: UMA POSSÍVEL ARTICULAÇÃO ENTRE CUTTING, TRANSMISSÃO E CONJUGALIDADE

Márcia MARIA DOS ANJOS AZEVEDO¹

RESUMO: Vemos na clínica psicanalítica de casais, na contemporaneidade, alguns aspectos enigmáticos que despertam nossa atenção. Neste trabalho, apresento uma discussão sobre um aspecto paradoxal que atravessa o vínculo conjugal, considerando que o desencontro de demandas de amor muito primárias produz um transbordamento que será atuado no corpo como expressão da incapacidade do sujeito de facear as exigências da vida a dois. A sustentação teórica apresentada articula conceitos psicanalíticos, buscando uma conexão entre os primórdios da vida psíquica do sujeito e os entraves na constituição subjetiva e nas escolhas amorosas.

Palavras-chave: Conjugalidade, transmissão, corpo, cutting.

ABSTRACT: In contemporary psychoanalytic couples clinics, we see some aspects that attract our attention. In this work I present a discussion about a paradoxical aspect that permeates the marital bond, considering that the mismatch of very primary demands of love produces an overflow that will be acted upon in the body as an expression of the subject's inability to face the demands of life as a couple. The theoretical support presented articulates psychoanalytic concepts, seeking a connection between the beginnings of the subject's psychic life and obstacles in the subjective constitution and romantic choices.

Keywords: Conjugality, transmission, body, cutting.

I. INTRODUÇÃO

Os relacionamentos amorosos apresentam uma gama de aspectos que podem ser discutidos à luz da psicanálise. Há questões que nos interessam particularmente, uma vez que passam pelo modo como os vínculos afetivos são estabelecidos em função da constituição narcísica de cada um dos membros do casal. A partir do que estamos nomeando aqui de alianças paradoxais, chamamos atenção ao fato de que o laço estabelecido entre dois sujeitos ultrapassa o limite do que ocorre entre eles. As inconsistências do modo de vinculação, as dificuldades em lidar e administrar as diferenças que surgem, a aparente facilidade em ligação e separação e os prejuízos verificados na vida cotidiana nos levam a pensar que há muitos elementos relacionados às alianças inconscientes (Kaës, 1997) e às cláusulas dos contratos a que cada um dos membros do casal se encontra atrelado.

Nesse contexto, é relevante analisar os paradoxos inerentes aos vínculos estabelecidos com objetos primários e o modo como as ressonâncias das fantasias, os ideais e os fantasmas parentais são vividos no estabelecimento da organização do casal. Então, na perspectiva de uma aliança paradoxal, o que impele um sujeito a se unir a outro será, também, aquilo que lhe produz um mal-estar, traduzido sob a forma de angústia e atuado no corpo.

Sabe-se que o humano vive em busca de satisfação, perseguindo algo que dê sentido a sua vida, ao mesmo tempo em que busca garantias para seu sentimento de existência. Tais motivos não

¹ Psicóloga; Psicanalista; Doutora em Psicologia (UFRJ). Membro e Supervisora do Instituto de Formação em Psicanálise da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Transtornos Alimentares – Anorexia, Bulimia e Obesidade da PUC- RJ. Membro da SOBRATA. Membro da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF) e da Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família (Poiesis Analitika).

se evidenciam na justificativa para a procura de um parceiro. Isso porque são as referências identificatórias inconscientes que, em sua maioria, contribuem sensivelmente para a escolha do objeto amoroso. Sabe-se, também, que cada um possui um padrão relacional herdado de seus objetos fundamentais, inerente às alianças inconscientes e aos seus suportes narcísicos. Há que se considerar, ainda, que a capacidade individual de investimento na vida e, especificamente, na vida afetiva será precedida de um investimento objetal anterior. É preciso suportar as agruras e as alternâncias de lugar que a vida conjugal impõe aos sujeitos. Se investir é preciso, aceitar e suportar ser investido também é. Dessa forma, é necessário haver recursos para suportar uma maleabilidade das cargas de investimento libidinal sobre os diversos objetos. Para Aulagnier (1990), o investimento em outros objetos é uma condição fundamental para a manutenção da subjetivação, mas é preciso fazer o luto dos objetos primordiais.

Assim é que a capacidade de investir será um dos resultados possíveis do processo de subjetivação, o que, de acordo com Aulagnier (1990, p. 183), será “nunca pacífico, jamais garantido”, tendo em vista o fato de que se deve, ainda, desenvolver a propriedade de experimentar o sofrimento, o que exige do Eu capacidades nem sempre presentes em sua configuração. Um outro detalhe que nos faz pensar na importância dessa reflexão é que, na maior parte das situações de atendimento de casal, a atribuição da origem de conflitos está depositada no outro. Podemos pensar que os imperativos sociais e culturais também aparecem nesse cenário como fatores intervenientes importantes, contudo constituem um valor agregado a demandas ambivalentes.

Na escuta clínica, dificilmente o sujeito se implica na falência relacional, é sempre o outro que não oferece as condições ideais, é sempre o outro que não condiz com as expectativas, que não satisfaz, que não cumpre os combinados, ou seja, é possível ouvir, nessas falas que designam frustrações relacionadas às demandas de amor, que o outro escolhido não satisfaz as cobranças oriundas das fantasias inconscientes infantis projetadas na situação conjugal. Espera-se do outro algo que ele, além de não ser o responsável por oferecer, também espera receber. Nesse sentido, surgem os desencontros de demandas que serão produtores de ruídos no estabelecimento do vínculo conjugal. Mas de onde são originários esse ruídos?

Pois bem, podemos pensar em diversas perspectivas. Contudo, apesar de sabermos que há inúmeros elementos que são agregados ao movimento de escolha amorosa, trabalhamos na perspectiva de que a referência serão as marcas de sua “grupalidade psíquica” e os elementos resultantes dos investimentos recebidos de seus objetos primários. Apesar dessa configuração ser marcada pela idealização, na busca do objeto de amor, há o encontro de objetos substitutivos, cuja ressonância será originária de sua “grupalidade psíquica” internalizada em cada um dos membros do casal.

Benghozi (1994) afirma que o sistema casal é uma malha produzida pelo entrecruzamento de linhagens familiares relacionada à origem de cada participante. Já Dunker (2017) diz que, na relação entre casais, o que se encontra atrás das máscaras é o que determina e mantém nossa forma de amar. Se formos procurar algumas referências na teoria freudiana, encontraremos, a partir das suas referências identificatórias, dois modelos de escolha objetal, a saber, narcísico ou anaclítico, e também que todas as escolhas apresentam um substrato das vivências edípicas, narcísicas e superegoicas de cada sujeito herdeiro de um romance familiar.

Além dessas referências, seguimos ainda as proposições de René Kaës (2005, p. 132) ao nos apresentar a perspectiva de que um vínculo é formado por alianças inconscientes, sendo essa a

base para o processo de transmissão psíquica entre gerações e entre membros de um grupo. Para esse autor:

Cada vínculo organiza-se, assim, *positivamente*, sobre investimentos mútuos, identificações comuns, sobre uma comunhão de ideais e crenças, sobre modalidades toleráveis de realizações de desejos. Cada vínculo e cada conjunto organizam-se também, *negativamente*, sobre uma comunidade de renúncias e de sacrifícios, sobre apagamentos, rejeições e recalques, sobre um ‘deixar de lado’ e sobre restos.

Há um aspecto importante a ser ressaltado que é o modo como, no corpo, primeira alteridade, serão inscritas as marcas primárias do modo de vinculação do sujeito. Assim, se as marcas dos objetos primários são estabelecidas corporalmente, se o eu nasce a partir da apropriação feita pelo outro e dos investimentos recebidos, será no corpo que o outro fundamental imprimirá suas próprias marcas originárias de situações e de experiências sensoriais primárias. Nesse caso, o corpo será o veículo através do qual será sentido o transbordamento das intensidades advindas do mundo fantasmático subjetivo. Em função da falta de recursos, o Eu, como instância intermediária, terá dificuldade em administrar esse transbordamento. Importa observar, ainda, que as exigências inerentes ao estabelecimento de uma relação afetiva supõem um substrato narcísico que, em sua ausência, produzem um transbordamento que um *ato* tenta conter, em suas diversas formas de manifestação, desde o corte no corpo, a ingestão de álcool ou o desenvolvimento de um transtorno alimentar, como, por exemplo, a bulimia.

II. O EU, O CORPO, SEUS MODOS DE VINCULAÇÃO E AS AMEAÇAS PRIMÁRIAS

Sobre essa questão complexa, a saber, a base de organização dos vínculos, dentre os elementos a serem revistos, há, segundo Freud, forças que impedem o Eu de se assenhorar de sua morada. Ameaçado pelas forças pulsionais advindas das marcas primárias cunhadas no corpo, o Eu tenta conter a angústia que surge, oriunda de sensações primárias revividas no encontro amoroso, onde não há garantias, tendendo o sujeito a repetir padrões primitivos.

Vemos que, no ato de se cortar, aparece a denúncia de um transbordamento em tal intensidade que assola o Eu. Nessa circunstância, o corpo torna-se fonte e alvo do ataque pulsional produzido em função de um curto-circuito, pois o Eu encontra-se submetido aos efeitos que “sua história o possibilitou ou impôs” (Roussillon, 2023, p. 45).

Aqui desponta o empobrecimento de recursos que leva o sujeito à repetição de padrões primários, porque não encontra um escoamento adequado, principalmente porque o Eu se constitui pelo investimento objetal do outro, que lhe serve como “prótese” (Aulagnier, 1979), e este, em sua constituição, carrega em si sombras e fantasmas marcados em seu próprio corpo.

Entendendo que a hereditariedade psíquica será mantida através das ligações afetivas e inconscientes, a arqueologia do funcionamento psíquico dependerá da genealogia da família de origem – essa última construída a partir da “continuidade da corrente de gerações” (Kaës, 2001). Paradoxalmente, o humano desenvolve estratégias de sobrevivência, em suas possibilidades de ligação e de desligamento, para tentar se defender do outro em seus excessos, seus lutos, seus vazios, sua imposição, sua violência, seu abandono, suas alternâncias de humor, sua

impossibilidade de diferenciação. Rocha diz que “o que fomos não deixa de estar presente naquilo que somos” (1994, p. 262).

Quando o Eu, em sua constituição, apresenta um empobrecimento de recursos, sua capacidade de defesa torna-se limitada, favorecendo o aparecimento de uma angústia transbordante no corpo, que pode, também, ser vista como forma de escoamento de uma dor que se impõe como algo insustentável e que exige ser marcada no corpo, fazendo parte, ainda, como diz Rocha, de “uma sucessão linear de agoras” (1994, p. 262). Não se pode, portanto, deixar de citar o tempo como fator constituinte dos processos de subjetivação.

Nas teorizações sobre narcisismo e masoquismo, buscamos uma base para pensar sobre o modo como o corpo torna-se o espaço em que ocorre o transbordamento pulsional, em função da insuficiência de recursos do Eu, que, como instância intermediária, não consegue encontrar soluções mais adequadas para dar escoamento àquilo que excede sua capacidade de administração. Apontamos “o retorno sobre si mesmo”, um dos destinos pulsionais descritos por Freud, o caminho para entendermos o autoataque produzido em uma situação de cutting por exemplo.

De acordo com Kaës (1997, p. 189), “todas as funções estruturantes que o grupo primário realiza na psique são buscadas para aí serem repetidas, reproduzidas e restabelecidas, ao menos parcialmente, nos grupos”. Assim, “os objetos internos poderão estar aí deslocados de um sujeito para outro, condensar-se numa figura de compromisso, difratar-se em vários membros do grupo” (1997, p. 164). A conceitualização desenvolvida pelo psicanalista francês aparece aqui em função da importância de se pensar sobre as *alianças inconscientes* estabelecidas pelos sujeitos na organização social, familiar e conjugal. Ele afirma também que a “aliança é com efeito, uma experiência fundamental para a vida humana, uma instituição necessária a sua manutenção (Kaës, 2009, p. 14).

Importa-nos fazer um contorno sobre a origem do eu a partir do conceito de masoquismo e de narcisismo e articular com a compreensão de que as patologias do ato e as diversas formas de somatização estariam congruentes com os nossos objetivos.

Com o intuito de ilustrar essa articulação teórica tão densa, apresento uma situação clínica em que um casal procurou atendimento para compreender as dificuldades vividas por eles no cotidiano. Ela apresentava um quadro complexo caracterizado por comportamentos compulsivos, tanto em termos alimentares, com episódios de bulimia, quanto em momentos de maior desorganização, quando se cortava com um pequeno canivete que carregava na bolsa. Ele, por sua vez, apresentava um comportamento que demonstrava intolerância, principalmente quando ela se fragilizava diante de situações conflituosas provocadas por ele. Nessas ocasiões, ele atribuía à parceira a responsabilidade pelo conflito. Sempre havia uma situação produtora de um novo momento desorganizador, repetido ciclicamente.

Ambos eram profissionais de saúde bem-sucedidos, apesar de serem bem jovens. Procuraram ajuda pelo fato de se gostarem e terem receio de que esse imbróglio de expectativas e dificuldades tornasse impossível a convivência. Bem, mas não foram necessárias muitas sessões para perceber que tinham histórias familiares que, certamente, deixaram marcas importantes no funcionamento psíquico de ambos.

Ele era filho de uma mãe deprimida, o pai pediu divórcio quando o filho estava com doze anos. Então, passou da posição de filho, espectador das agressões paternas contra a mãe, a cuidador

da mãe. Já na condição de marido, se perguntava como saberia se ele era realmente amado. Para ele, sua esposa não tinha motivos para sofrer tanto, e acabava por ser agressivo e, às vezes, violento, sem capacidade de acolhimento. Não suportava que a mulher não acreditasse nele e nos seus cuidados com ela. Essa reação acontecia quando, em seus momentos de angústia, sua mulher tinha “surto alimentares” (*sic*) e, depois, vomitava ou, então, quando ela levantava no meio da noite e se isolava para se cortar, mesmo após terem tido momentos prazerosos.

Nessa situação, temos a outra parte, ela tinha uma família de origem, *a priori*, muito unida, mas fagocitante. Em seu núcleo familiar primário, sua função era ser a “salvadora da pátria” (*sic*). Para suportar tanto o valor narcísico quanto o peso que esse lugar lhe atribuía, retratava sua ambivalência no comportamento bulímico. Vivia momentos de muita angústia, dizia sentir-se culpada por não se sentir amada, por não conseguir ser amada como gostaria e, ao mesmo tempo, culpava o outro por não ser como gostaria. A jovem também se culpava por querer atenção e sentia pena dele por estar com ela. Dizia precisar se cortar para “aliviar aquela sensação horrível que misturava muitos sentimentos” (*sic*).

A ligação desse casal se devia ao fato de que ambos estavam enredados em alianças inconscientes nas quais um parceiro que, *a priori*, seria um cuidador, porém, no endereçamento de demandas, a resposta foi contrária ao que ambos esperavam. Estava diante de uma formação vincular marcada pela identificação projetiva como qualidade defensiva. Essa situação clínica me pareceu bastante pertinente por apresentar um casal marcado por histórias familiares em que o processo de diferenciação não se completou e, apesar de terem uma vida profissional promissora, sua capacidade simbólica, em termos de reconhecimento de si e do outro, era bastante empobrecida.

Segundo Roussillon (2023), quanto mais cortes existirem para o alívio do sofrimento que se apresenta, maior a solidão se apresenta, porque a dor física poderá dar um escoamento e um deslocamento daquilo que favorece uma angústia insuportável. Há, porém, um detalhe importante a ser ressaltado. Se cortar-se significaria um ato capaz de interromper a sensação de desaparecimento ou de desmoronamento em função da angústia transbordante relatada na situação clínica, estaríamos falando de um ato na perspectiva do masoquismo ou do autossadismo?

Neste caso, um dos destinos pulsionais deveras enigmático é o “retorno sobre si” (Freud, 1915) na forma de um autoataque em que o próprio corpo é a fonte e o alvo da descarga pulsional em sua violência. Essa investigação segue na tentativa de refletir como as falhas do processo de transmissão psíquica implicam uma dificuldade na construção de uma instância intermediária necessária à constituição da subjetividade e, conseqüentemente, em suportar a vivência conjugal. Dentro da paradoxalidade do vínculo, é preciso apontar a necessidade da existência de uma diferença e, ao mesmo tempo, de uma ligação cujo movimento é exercido pelo Eu como instância intermediária.

III. O MASOQUISMO E O NARCISISMO FUNDANTES DO EU E SUAS INSUFICIÊNCIAS

É função do Eu fazer uma mediação, lembrando que, em Freud (1923), o Eu é, acima de tudo, a projeção de uma superfície. Diante, porém, da ausência de recursos defensivos recebidos do objeto que lhe serve como apoio e prótese psíquica necessários, se torna inoperante. A capacidade de tolerar as sensações, de adiar a realização de vontades e de saciar as necessidades

ocorre em função de recursos advindos de um espaço intermediário. O conceito de intermediário, segundo Kaës (2005), encontra-se referido, na teoria freudiana, tanto em relação à questão dos espaços intrapsíquicos quanto aos intersubjetivos. A constituição da capacidade de intermediação depende de uma trama que implica o investimento sobre o Eu em sua primitividade, cujo processo é complexo e envolve uma articulação entre corpo, sensorialidade, narcisismo e masoquismo.

Em tal contexto, encontram-se em ação as projeções revisitadas do narcisismo parental, além das marcas do superego parental com as sombras do passado, uma vez que “o inconsciente de cada sujeito leva a marca, na sua estrutura e nos seus conteúdos, do inconsciente de um outro, e mais precisamente, de mais de um outro” (Kaës, 2005, p. 133).

Na referida conjuntura, trago a posição de Rosemberg (2003), que nos auxilia na compreensão do imbróglio teórico sobre o conceito de masoquismo. De acordo com Rosemberg, há uma forma de apresentação do masoquismo como guardião da vida, adquirindo uma dimensão fundadora no complexo da vida psíquica. Seria, então, definido como fundador do Eu e sustentador de sua continuidade, apoio sobre o qual seriam depositadas as possíveis ligações e investimentos objetivos e cujo princípio do prazer, proposto por Freud na primeira tópica, seria um de seus produtos.

Bem, na medida em que a construção do Eu depende do investimento narcísico do Outro, do objeto que lhe serve como “prótese psíquica”, conceito trabalhado por Aulagnier (1979). Se, em termos da existência de uma “transmissão em negativo”, conceito desenvolvido por Kaës (2005), há a transmissão de um vácuo psíquico, sombras e fantasmas, reafirmamos a existência de entraves fundamentais que se manteriam na condição de encriptados. Com isso, toda a estruturação do sujeito fica comprometida, já que, em condições normais, aconteceriam, nesse terreno, as ligações sutis e promotoras de intrincação entre masoquismo primário e narcisismo primário.

De acordo com Rosemberg (2003), o núcleo do masoquismo primário será, ao mesmo tempo, o núcleo primário do Eu e que condiciona sua existência, exigindo a presença de um narcisismo, que representa a parte do investimento libidinal necessário à sua constituição. Para o autor, “se o ser humano só pode se conhecer por meio do objeto e da projeção (espelho do objeto), ele só pode viver a si mesmo, reconhecer-se como sujeito, mediante a vivência masoquista” (Rosemberg, 2003, p. 98). Diz, ainda, que “se o masoquismo primário e o masoquismo simplesmente são originalmente o ponto de encontro do sujeito consigo mesmo, ele torna-se assim o lugar onde o sujeito nasce para si mesmo, onde o eu se constitui” (2003, p. 100).

Essa perspectiva está centrada na proposta freudiana sobre um masoquismo primário, sendo, então, a figura materna ou quem ocupe tal papel, em sua função de paraexcitação, que forneceria os elementos sustentadores da vida psíquica necessários aos momentos de ameaça narcísica. O conceito de narcisismo desenvolvido por Freud (1914) marca a importância, ainda que paradoxal, da reavistação do narcisismo parental e da atribuição de valor para “sua majestade, o bebê” na situação da instauração do narcisismo do filho. Sobre essa questão, volto a Rosemberg quando diz que “o aspecto que nos parece essencial é o de que a intrincação pulsional é condicionada pelo objeto” (p. 101).

De acordo com Aulagnier (1990), o investimento em referenciais identificatórios possíveis e a criação de um projeto futuro dependem, efetivamente, do discurso do meio e não apenas do discurso de um único outro. Seus primeiros ingredientes são as sensações corporais, as emoções

e o campo relacional, sendo que o pensamento e a representação que lhe dão suporte só avançam sobre apoios. É necessário que haja uma base para que sejam inscritas as vivências do sujeito e que possibilite a criação de uma cadeia representativa investida afetivamente. O ponto de partida seria o olhar, como espelho daquele que ocupa a função materna (Winnicott, 1975).

Dito isso, podemos tentar ouvir as ressonâncias das angústias que são despertadas no corpo, uma vez que, no estabelecimento de uma relação conjugal, não há garantias. Os vínculos amorosos são estabelecidos parcialmente a partir da capacidade de investir no outro e na capacidade de o sujeito aceitar e suportar ser investido pelo outro, mas, em parte, naquilo que, inconscientemente, espera encontrar. Seu Eu sabe e não sabe o que procura no outro a partir de sua composição narcísico identitária.

Portanto, a condição de indiferenciação e o empuxo narcísico seriam entraves fundamentais à constituição do Eu e impeditivos do desenvolvimento de uma possível deslocabilidade libidinal. Volto a lembrar que o sujeito demanda, em última instância, o reconhecimento de si e não necessariamente o amor romântico. Isso porque vemos que, entre os fatores identificados na situação clínica apresentada como exemplo, o objeto materno incorporado não foi favorecedor da constituição de uma diferença suficiente de modo que o processo de subjetivação desse jovem casal apresente dificuldades importantes no enfrentamento da vida. Observamos que ambos apresentavam uma violência atuada, um para o exterior e outro contra si próprio. Vemos, ainda, que há uma possibilidade de fazer uma leitura de que o ato de escarificar o corpo ocorre em função da incapacidade do Eu em administrar a angústia sentida como desorganizadora.

Então, falamos de autoataque, na perspectiva de um retorno sobre si, mas, ao mesmo tempo, abre-se a brecha para se discutir acerca de um enigma, pois os episódios bulímicos ou o corte no corpo estariam relacionados à tentativa de diferenciação do objeto incorporado, atitude que poderia ser definida como autossadismo, em função da mudança de direção no ataque ao objeto interno e não em um objeto externo como seria esperado. Paradoxalmente, haveria um ataque ao outro em si mesmo. Seria possível dizer que o autoataque representaria uma forma de manifestação do objeto encriptado? Diante de um comportamento marcado pela impulsividade autodestrutiva, podemos falar sobre uma denúncia da existência de uma “sombra do objeto” (Freud, 1915) ter sido depositada no Eu do sujeito.

Assim, sem a possibilidade de intermediação do Eu, seu corpo será o próprio alvo do curto-circuito pulsional. Segundo Torok (1995, p. 298), o direcionamento do ataque e do adoecimento será de “si para si”. O corpo, como primeira alteridade, será atingido paradoxalmente como uma tentativa de se sentir se assenhorando de sua existência se apropriando de um controle deslocado de si mesmo. Nesse sentido, poderemos inferir que o objeto primário interiorizado ataca de dentro em seu aspecto persecutório, no sentido trabalhado por Aulagnier (1990, p. 69), ressaltando o aspecto da culpa por não se sentir gostada pelo outro, pela frustração de não receber do outro o reconhecimento esperado.

IV. SOBRE O OLHAR E SUA IMPORTÂNCIA NA CONSTRUÇÃO DO LAÇO PARENTAL E CONJUGAL

São diversas e complexas as articulações entre o olhar, o silêncio e a linguagem verbal e ou corporal. O silêncio, sem a tradução do que diz o olhar, aparece em sua dimensão mais intensa e destrutiva, principalmente quando se encontra reforçado pela ausência de linguagem. Há o

risco de se instaurar o sentimento de não existência, de fratura do Eu e de intensificação de vivências persecutórias quando o silêncio no olhar vier povoado de palavras enterradas vivas, situação favorecedora de instauração de uma cripta no corpo.

O corpo será o espaço privilegiado a ser atingido, atacado, em função de uma insuficiência de recursos e, conseqüentemente, de um corte que, simbolicamente, não foi possível ser realizado. E por que nos importa pensar sobre essa questão? Relembrando Birman (2007), é possível estabelecer uma comunicação maior através dos atos do que através da linguagem verbal, ocasionando as chamadas patologias da ação e do corpo.

Esse quadro em que se observa um prejuízo na capacidade relacional e um empobrecimento da capacidade simbólica seria o favorecedor de que a força pulsional desligada se impusesse na busca de descarga e que tamanha angústia tentasse encontrar formas de ser contida, e uma das formas de contenção possível seria traduzi-la em dor. Lembrando que a violência do transbordamento é advinda do objeto primário internalizado, dos seus vácuos psíquicos e descarregados em ato no corpo sob a forma de autoataque. Porém, há sempre um fator disparador que faz com que emerja o impensável, produtor de uma angústia desorganizadora que exige contenção.

Se, no princípio, era o soma, essa é a parte que recebe os investimentos narcísicos primários em uma condição de apassivado. Rosemberg (1999) fala da passividade como uma forma de masoquismo, lembrando que as primeiras experiências autoconservadoras do Eu são sensoriais e, mesmo que essas últimas se tornem desprazerosas, serão contrainvestidas libidinalmente.

Volto ao trabalho de Rosemberg quando se refere ao texto freudiano “O problema econômico do masoquismo”, em que Freud (1924) propõe dois tipos de defesa contra a destrutividade da pulsão de morte. Diz que, por um lado, há a derivação – projeção da pulsão de morte, sua destrutividade, para o exterior e para o objeto, por outro lado, a ligação-intrinação da pulsão de morte pela pulsão de vida dentro da psique, uma ligação que é constitutiva do masoquismo. Portanto, para esse autor, “a pulsão de morte, que é originalmente orientada para o interior, só pode ser derivada para o exterior pela libido desde que anteriormente a libido tenha intrincado a pulsão de morte” (Rosemberg, 1991, p. 1660).

Aulagnier (1990) atribui esse sentido ao paradoxo da filiação, uma vez que todo investimento que é vital para o Eu porta uma potencialidade persecutória. Sobre o aspecto persecutório, a autora sustenta que todo objeto, cujo investimento se torna condição de vida, em certos casos, pode assumir o lugar e a função do perseguidor. Nas palavras de Aulagnier:

Compreenderemos melhor as dificuldades do Eu para poder gerir em benefício próprio sua parte de capital libidinal se acrescentarmos que não apenas todo objeto fonte de prazer pode tornar-se fonte de sofrimento, mas também que quanto mais o objeto é necessário para o prazer, mais intensifica-se seu poder de sofrimento, sempre que ele recusa sua presença ou que rejeita o investimento que se lhe demanda partilhar (1990, p. 284).

Em função de uma fragilidade no filtro protetor que deveria ser desempenhado pelo Eu, que é a fronteira interno-externo, o sujeito se apresenta com a integridade física e psíquica ameaçada, caracterizando a abolição dos limites e do espaço subjetivo. Nesse caso, o Eu deveria funcionar, também, como instância reguladora do excesso de excitação proveniente do processo de

transmissão, ao ser o responsável por filtrar as excitações, constituir e produzir um sentido. Este “intermediário funciona, pois, como uma barreira de filtragem, como um paraexcitações contra o poder contagioso do desejo que destruiria tudo se fosse satisfeito sem outro tratamento econômico” (Freud, 1920, p. 53).

Se o objeto fundamental, em geral, a mãe ou quem ocupe essa função, cumprir seu papel de ego auxiliar, então, segundo Freud (1920, p. 53), “a superfície voltada para o mundo externo, pela sua própria situação, se diferenciará e servirá de órgão para o recebimento de estímulos” e, gradualmente, esta superfície se transformará em um escudo protetor. Porém, quando a mãe falha neste papel, são constituídas fendas na fronteira, que, repetidas no desenvolvimento, se acumulam de forma silenciosa e invisível. Assim:

Sem experiências apropriadamente coordenadas no tempo de frustração e adiamento, pode ocorrer um atraso no desenvolvimento de várias funções do ego, entre as quais a capacidade de distinguir entre self e não-self. Esta falha de diferenciação de self e objeto, e o conseqüente fracasso da defusão da representações de self e objeto, acaba interferindo no desenvolvimento da capacidade de descarregar impulsos agressivos sobre um objeto externo, e o resultado é que a agressão se volta contra o self (Khan, 1984, p. 66).

Nas situações em que o objeto não cumpre a devida função, o cuidado será atravessado pelas insuficiências do objeto, por seus lutos não elaborados, por seus sofrimentos, e este, sendo incorporado, se mantém sem ser transformado no psiquismo, com prejuízo ao processo de personalização (Winnicott, 1945) e de subjetivação. Lembrando que, no contexto em que o filtro protetor falha em sua função de mediação, o objeto se mantém na condição de incorporado, contribuindo para a formação da cripta, viabilizando a apropriação de uma parte do corpo do outro (cabelos, unhas) pela via mais direta, sem transformação, em que o sujeito passa a ser o outro (Kaës, 2005).

Na perspectiva de Kaës (2001), o trabalho de transmissão resulta em ligações entre aparelhos psíquicos e as transformações por elas operadas. Ele supõe, também, a existência de uma matriz transformadora na transmissão, na qual o que é transmitido entre os sujeitos não é da mesma ordem do que é transmitido através deles.

No entanto, pode-se dizer que a conjugalidade engloba ideais, fantasmas e fantasias, uma vez que se refere a “um mundo compartilhado” (Féres Carneiro, 2020, p. 97) e envolve, além disso, as reflexões possíveis a respeito de uma ação sobre o corpo em função de algo que não ganhou o estatuto de simbolizado. Em se tratando do âmbito sensorial, lembremos, também, que a ausência de palavras favorece a repetição do traço não elaborado do outro – trazendo a possibilidade de desenvolver a cripta no corpo, uma vez que o conceito de cripta (Torok, 1995; Azevedo, 2021) aponta para o que é oculto e cifrado, não passível de elaboração.

V. O NEGATIVO EM QUESTÃO

Na perspectiva do trabalho do negativo, opera-se a configuração de limites psíquicos que, em situações ideais, deveriam apresentar uma plasticidade a fim de permitir uma porosidade facilitadora de ampliação objetual, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Kaës

(2001) acentua que a marca do *negativo* aparece naquilo que não se contém, que não se retém, aquilo do que não se lembra, tal como a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos e, ainda, enlutados. Aqui, é possível a associação ao pensamento de Kaës ao discorrer sobre “as confusões de identidade e as somatizações, ‘inscrições cegas no corpo’ [que] testemunham o fracasso da introjeção: organizam os vínculos, segundo um modo paradoxal de fusão e explosão” (Kaës, 2005, p. 132). Nesse diálogo, Rosemberg tem algo a acrescentar ao dizer que:

A desintração pulsional coloca a libido diante de um objeto não estruturado, não diferenciado dentro de si mesmo, um objeto que a libido só pode investir em tudo ou nada, e em tudo, e imediatamente. O investimento pode ser tão massivo que o sujeito tem dificuldade em se sentir diferente do objeto e sente-se, antes, investido – invadido pelo objeto (2003, p. 166).

Diante do negativo em ação, sem uma distinção nítida entre pensamento, representação e afeto, os aspectos inassimiláveis do objeto internalizado produzem um curto-circuito que se instala no corpo e “retorna a sua própria alteridade radical incorporada, enquistada, atingindo o corpo” (Azevedo, 2021, p. 136), isso promove, segundo Green, que “As violências exercidas pelo corpo e sobre o corpo fazem [façam] deste um espaço catastrófico que põe a vida em perigo e os objetos sobreviventes perdem sua vitalidade, sua capacidade de troca e sobretudo o investimento” (1996, p. 298).

Pois bem, o que se observa nesses quadros é que o objeto de escolha amorosa carrega em si uma possibilidade de ser foco de uma identificação projetiva maciça e será convocado a ocupar um lugar gerador de um mal-estar. A ilusão de fusão e as idealizações frustradas produzem um sentimento de ódio que não poderá ser experimentado como uma descarga sobre o objeto externo, mas, paradoxalmente, estará remetido ao objeto internalizado em sua negatividade e cujo espaço privilegiado deste autoataque será o corpo do próprio sujeito.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na clínica contemporânea, observa-se que, nos transbordamentos no corpo, aparece a denúncia dos entraves do eu. Será no limite da existência, na impossibilidade de dar um escoamento adequado ao mal-estar advindo dos primórdios da vida psíquica, que o que é da ordem do sofrimento e se apresenta sob a forma de dor precisa ser contido. Por isso, nessa reflexão, tentamos aproximar teoricamente dois aspectos aparentemente paradoxais: os mesmos motivos que levaram os sujeitos a se unir passaram a ser aquilo que os desorganizou psiquicamente. Tal situação se evidencia numa angústia que transborda e será atuada no corpo como expressão da incapacidade do sujeito de facear as exigências da vida a dois. Na perspectiva do trabalho sobre os enigmáticos reflexos do processo de transmissão psíquica, será necessário, em relação à clínica, pensar sobre a organização defensiva dos sujeitos envolvidos e sua capacidade de intermediação, uma vez que esses aspectos serão, fundamentalmente, herdados do objeto primordial.

Ao nos debruçarmos sobre as filigranas da constituição psíquica, torna-se necessário contornar aspectos que entrarão, de modo imperioso, na composição conjugal. Em função de nossos objetivos, podemos indicar alguns pontos fundamentais. O transbordamento no corpo,

conforme a proposta desse trabalho, traz à cena o que há de paradoxal no modo de estruturação dos vínculos afetivos.

Vimos que a temática em questão exige uma certa linha de pensamento que traga à discussão os primórdios da vida psíquica e o modo como se apresenta o retorno daquilo que não foi elaborado no processamento psíquico da geração anterior. Não nos esqueçamos de que Kaës afirma que “as estruturas psíquicas intermediárias são também estruturas de transmissão da vida psíquica” (2005, p. 70). E ainda lembremos de uma referência importante da teorização de Aulagnier (1990) que ressalta a necessidade de procurar encontrar, não só no discurso parental, mas também no discurso social, referências que lhe permitam projetar-se no futuro, podendo encontrar outros suportes identificatórios, além dos parentais iniciais e, assim, criar uma possibilidade de se diferenciar.

Contudo, ainda segundo Aulagnier, esse processo não será possível se determinados recursos não forem oferecidos ao sujeito. Sabemos que vários rearranjos e reconfigurações na dinâmica do funcionamento psíquico subjetivo são necessários até que seja possível viabilizar a escolha de um parceiro. Ainda assim, não há garantias de satisfação afetivo-sexual, pois sempre haverá dependências outras, principalmente a intensidade da ambivalência dos investimentos, a fixidez dos investimentos iniciais e as cicatrizes do narcisismo familiar e grupal em ação.

Propusemos um contorno sobre a articulação clínica e teórica que parte da sensorialidade e caminha de volta ao sensorial através da passagem ao ato. Tal perspectiva lembra-nos um dos destinos pulsionais propostos por Freud, que é o retorno ao próprio Eu, um dos mais primários. Nessa perspectiva, a inconsistência dos objetos primários demonstra os prejuízos produzidos na totalidade da vida identificatória do sujeito herdeiro de uma transmissão negativa ou uma não transmissão, delimitada pelo vazio de significação e de sentido. Essas são situações críticas que demandam do analista uma escuta sensível dos efeitos das imposições vindas dos modos de vinculação a que o sujeito se encontra submetido. Enfim, em última instância, são questões relacionadas à angústia referida ao risco de ameaça de desamparo humano diante do outro e seus modos de se relacionar, de viver e de adoecer.

Nessa clínica, a marca será a do excesso, do transbordamento, o que nos põe diante de algumas dificuldades que se tornam desafios e apontam para a necessidade de haver uma certa elasticidade na técnica. É preciso abrir esse circuito. Para isso, o recurso está no manejo dos limites e do afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. « *A violência da interpretação. Do pictograma ao enunciado*». Rio de Janeiro: Imago, 1979.

AULAGNIER, P. «*O aprendiz de historiador e o mestre feiticeiro: do discurso identificador ao discurso delirante*». São Paulo: Escuta, 1989.

AULAGNIER, P. « Um intérprete em busca de um sentido. Vol I. São Paulo: Escuta, 1990.

AZEVEDO, M. M. A. « *Segredos que adoecem: Um estudo psicanalítico sobre o críptico adoecimento somático na dimensão transgeracional*». Curitiba: Appris, 2021.

AZEVEDO, M. M. A. « A constituição identitária contemporânea e a cultura como sala de espelhos». In. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro: SPCRJ, 2018.

- AZEVEDO, M. M. A. « Ressonâncias da transgeracionalidade e o câncer de Mama». In. *Câncer de Mama Interloquções e práticas interdisciplinares*. Filgueiras, M. S. T. Org. Curitiba: Appris, 2018, p.85-104.
- BENGHOZI, P. « Paradoxalidade do laço de aliança e malha genealógica dos continentes do casal e da família». In. GOMES, I. C. FERNANDES, M. I. A. e LEVISKY R. B. (orgs). *Diálogos Psicanalíticos sobre família e casal*. São Paulo: Escuta, 2016, p.249-265.
- BIRMAN, J. « *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* ». (6a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.
- DUNKER, C. « *Reinvenção da intimidade. Políticas do sofrimento cotidiano*». São Paulo: UBU, 2017.
- FERENCZI, S. «*Diário Clínico*». São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FREUD. S. « O ego e o Id» (1923). Vol. 23. In. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- FREUD. S. « Introdução ao Narcisismo». Vol.14. In. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- FREUD. S. « Luto e melancolia». (1915). Vol. XIV. In. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- FREUD. S. « Moises e o Monoteísmo». (1939) Vol.23. In. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1982
- KAËS, R. « *Os Espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*». São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KAËS, R. « *Transmissão da vida Psíquica entre gerações*». São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- KHAN, M. « *Psicanálise: Teoria Técnica e casos clínicos*». Rio de Janeiro: F Alves, 1984.
- LEVISKY, R.B. DIAS M.L. LEVISKY, D.L. (orgs) « *Dicionário de Psicanálise de casal e família*». São Paulo: Blucher, 2021.
- RAMOS, M. « *Casal e família como paciente*». São Paulo: Escuta, 1994.
- ROCHA, Z. «Esperança não é esperar, é caminhar. Reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e na clínica psicanalíticas». In. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, n.2, 2007, p. 255-273.
- ROSEMBERG, B. « *Masoquismo Mortífero e Masoquismo Guardião da vida*». São Paulo: Escuta, 2003.
- ROSEMBERG, B. « A passividade como condição e abertura a objetualização ou masoquismo e passividade». *Revue Française de Psychanalyse*, 5 Enjeux de la passivité, 1999, p 1651-1663.
- ROUSSILLON, R. « *O Narcisismo e a análise do Eu*». São Paulo: Blucher, 2023.
- WINNICOTT, D. W. « *O Brincar e a Realidade*». Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W « *Da Pediatria a Psicanálise*». Obras Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.